

Percorrendo um terreno aparentemente esgotado e hoje, certamente não mais na primeira linha do front artístico, a pintura de Israel Stolnicki sugere, contraditoriamente, se beneficiar dessa condição desprivilegiado, quando não, depreciada. A primeira vista, num olhar rápido, o que parece evidente impulsionar essa pintura é a energia dinâmica que a linha-pincelada-traço conduz; deixa-a ir e vir, sinuosa, retilínea, enredada, rápida ou lenta, confusa, expansiva, e o que mais deseje ser. Tal é o elemento formal que se dispõe a vibrar pulsante e também - porque não? - buscar uma estrutura estável que seja. É essa tensão, variável em quantidade e qualidade que se percebe ao longo de uma trajetória pictórica já considerável e que se avoluma com rapidez. Outra característica notável e rara é ser uma pintura jovem de um pintor não tão jovem e aí a vantagem de se ver diante de um processo em andamento que se aceita como é; para a construção ou para a desconstrução, para o orgânico ou para o construído, sempre empenhado em quaisquer das direções que vá - o impulso que oscila entre essas diversas direções sem precisar escolher programaticamente uma ou outra, e é dessa maneira que se sente à vontade. Aliás, é da sua própria natureza esse oscilar, sua razão de ser, não se deixar fixar em nenhuma. A linha-pincelada-traço se manifesta variadamente de tela em tela, ora

tensiona os limites de quadro, ora se submete a ele; de tal modo que se encontra enredada em meio a às possibilidades pictóricas modernas advindas da abstração, embora tal dilema não pretenda resolver; talvez amplificar, exagerar, exasperar, implodir. O mesmo se dá com a cor, o elemento de fundamental importância que, nesse caso, se dá imediatamente e impositivamente ao olhar, impossível de se desviar. Aceitando todas e quaisquer cores disponíveis, essa pintura nada proíbe, está disponível a todas. Assumidamente abstrata, mas decididamente expressionista, a cada momento persegue e afirma uma presença que a justifique em ser pintura. Aqui inexiste uma fórmula, embora seja ligada a uma já longa tradição que, entretanto, nessa pintura não quer se esgotar, insiste em reaparecer. Certamente a longa tradição e processos abstratos estão aí entranhados, combinados, recuperados, modificados e tudo isso realizado mostra ainda que essa pintura vê um valor existencial das possibilidades latentes da abstração - possibilidades à espera de um decisivo ato de desprendimento que, entendo, ela realiza e sem o qual não poderia existir. Desse ato resulta uma pintura expansiva, para fora, despojada de qualquer timidez. Assertivas, afirmativas, positivas, as cores conduzem uma energia que engaja, movimenta, impulsiona, tudo que está na tela - nada pode ficar inerte. Mesmo

quando prevalece a disciplina da construção, a inevitável grade, ou a gestualidade livre, ou as duas juntas, simultâneas, ao mesmo tempo e no mesmo espaço, esse momento que poderia ser dubitativo é absolutamente afirmativo, potente, ambicioso até. Ao lado disso está uma insistência expressiva que se percebe impaciente e excessiva, voraz. Dir-se-ia até com certa ferocidade de um novo "fauve"; que é a voracidade da pintura em se fazer, em ser pintada, exigindo essa presença imediata, direta, autêntica. Tais oscilações - construção x gestualidade - sugerem a impressão de um trânsito, um movimento subjacente que ainda não se esgotou e que está em ação, subterrâneo e disponível, também incontornável, pois é da própria natureza do trabalho ser assim e não invalida uma nem outra. Isso se exprime na imprecisão impaciente da linha-pincelada-traço, nunca regular, precisa; sempre destemida, poderia se dizer, indiferente a qualquer consequência que seja, como se dissesse; é assim; só é possível assim, com essa franqueza, talvez ingenuidade. E é assim que sustenta uma vivacidade veraz, dela própria, desprovida de acessórios, agenda, pautas. Aceita sua minoridade ou marginalidade na atual conjuntura artística; a abstração não mais causa maior interesse ou discussão ou é uma causa em si. Melhor assim, parece dizer. Nada mais a reivindicar; posição, reconhecimento, status,

só o interesse nela e por ela. O que mais ela poderia desejar? Explorar suas próprias possibilidades com total desprendimento. E é isso que ela demonstra, com acertos e desacertos, volúvel, indo numa e noutra direção, testando a si mesma a cada momento. Daí, creio, a presença inequívoca do ato de pintar que ela deixa presente; não há nada por trás; sustenta-se no próprio ato, tela e tintas, nada mais, e é suficiente. Está tudo lá, para quem olha; basta o olhar. Por outro lado ela também expressa a massiva e excessiva condição visual da atualidade em que vivemos. Como pretender clareza nessa situação? Hoje, a abstração está desligada de qualquer programa e, assim, pode tudo; tudo o que pode ser. É assim que essa pintura se sente. Enredada só nela mesma. Talvez porque distante da causa moderna e descompromissada com as agendas da atualidade só tenha a si mesma. É dessa solidão que advém tanto sua força quanto seus limites, sua aparente despretensão e sua seriedade; se deixar levar a esmo e encontrar aí um caminho em que acredita. Compulsiva, mais que reflexiva ela pintura procede pelo que sugere ser uma exaustiva repetição, que beira o excessivo que lhe é necessário, formando séries e mais séries. Trabalhar em séries é a maneira de persistir num desejo, mais que um problema. O desejo de reunir experiências visuais que se misturam, combinam, entrecruzam, se confundem até; tudo que a

inspira e a faz tal como ela é; misturada, combinada, entrelaçada. Até mesmo as grades, supostamente racionais e formalistas não escapam a esse movimento; são grades pulsantes, brutas, massivas, cromaticamente no limite da saturação. Grades que se voltam contra a perfeição retilínea horizontal/vertical neoplástica. Nelas estrutura ortogonal vibra oscilante, imprecisa, enfatizando a mecânica do gesto, a insistente fatura manual que está presente da mesma maneira nas telas onde o *approach* gestual prevalece - e não há contradição nessa alternância, o ato de pintar não diferencia entre uma e outra; é o mesmo, o mesmo vigor, a mesma intensidade que a elas confere a sua própria autenticidade. Assim é em cada um dos engendramentos que encontramos nessa pintura, em cada uma de suas telas. Urgente e direta, a pintura de Israel Stolnicki é uma daquelas que para se realizar necessita se submeter a cada gesto, cor, pincelada, tela. E basta dizer: é assim.

Paulo Venancio Filho